



CULTURA, IDENTIDADE E ESTADO:

algumas reflexões sobre o fenômeno das torcidas organizadas enquanto espaço de expressão das culturas juvenis

Juliana Isaias Miranda¹

Halana Rodrigues Freire Eloy²

RESUMO: A construção da identidade juvenil é perpassada por fatores sociais, econômicos e culturais. Tendo em vista tais fatores, destacaremos apenas o aspecto cultural para apresentarmos o espaço das Torcidas Organizadas como um espaço de construção de identidades e sociabilidade. Esta pesquisa apresenta sua relevância por se tratar de um fenômeno cultural que não se manifesta apenas na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, e sim no Brasil inteiro, envolvendo jovens que, por apresentarem um alto grau de identificação com seus times, acabam protagonizando atos de violência onde muitas vezes, a resposta do Estado se dá por meio da repressão.

Palavras-chave: Cultura juvenil; sociabilidade; identidade; Estado.

ABSTRACT: The construction of youth identity is permeated by social, economic and cultural. Considering these factors, we will highlight only the cultural aspect of the space to present Twisted Organized as a space of identity construction and sociability. This research has relevance because it is a cultural phenomenon that manifests itself not only in the city of Fortaleza, in Ceará state, but all over Brazil, involving young people, because they have a high degree of identification with their teams, eventually starring violence where often, the response of the State is through repression.

Key words: Youth culture, sociability, identity, State

¹ Estudante. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: juliana.isaias@yahoo.com.br

² Estudante. Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: halanarodrigues@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

O futebol surgiu como uma atividade esportiva que aproximava os imigrantes que chegavam aos centros urbanos, decorrente do processo de industrialização, gerando entre esses desconhecidos uma identidade de grupo. (TOLEDO, 1996.). No entanto, um esporte que surge com a característica de agregar, configurou-se ao longo do tempo como um espaço de expressão de muita rivalidade entre várias torcidas, o que acaba por gerar episódios de violência.

Luís Henrique de Toledo (1996) afirma que, no Brasil, o surgimento dos primeiros agrupamentos caracterizados como Torcidas Organizadas datam da década de 40, no estado do Rio de Janeiro. A Charanga do Flamengo, fundada em 1942 por Jaime Rodrigues de Carvalho, tinha esse nome por se tratar de uma pequena banda composta por instrumentos percussivos que acompanhavam o time animando as partidas. O adversário era vencido na animação da torcida e na vibração dos cânticos e das bandeiras.

Atualmente, podemos verificar que o ambiente esportivo ainda se configura como um espaço de muita rivalidade, mas que no entanto também pode ser visto como um espaço que agrega jovens em torno de uma construção cultural e de uma identidade coletiva.

2 METODOLOGIA

A metodologia se deu através da sistematização de dados adquiridos por meio de referencial teórico referentes às obras: Torcidas Organizadas de Futebol de Luís Henrique de Toledo, Torcidas organizadas de futebol- violência e auto-afirmação de Carlos Alberto Máximo Pimenta, Um toque de clássicos: Marx, Durkheim Weber de Tania Quintaneiro além de jornais e artigos relacionados com o assunto. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica baseia-se em dados qualitativos, que buscam dar um maior respaldo à pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

Antes de falarmos em cultura juvenil primeiramente destacaremos a categoria juventude à luz de alguns teóricos que sugeriram outras maneiras de refleti-la e conceitua-la, como uma categoria fundamental para a compressão de muitos fenômenos sociais,



conceito este que vai além da delimitação de faixas etárias e de um conjunto social diversificado, como poderemos visualizar nos trechos abaixo.

De acordo com José Machado Pais (1990) a construção sociológica do termo juventude apresenta algumas falhas. A primeira falha se apresenta ao tentar tomar este conceito como um conjunto social formado por indivíduos pertencentes a determinada fase da vida, ou seja, a juventude aqui seria definida em termos etários. A segunda falha diz respeito a definição da juventude como um conjunto social diversificado perfilando-se em diferentes culturas juvenis em função de diferenças econômicas, de classe, de interesses, de oportunidades profissionais e parcelas de poder, sendo assim, seria “um abuso de linguagem subsumir sob o mesmo conceito de juventude universos sociais que não tem entre si praticamente nada em comum” (PAIS, 1990, p.140)

Para Luís Antonio Groppo (2000), o termo juventude deve ser entendido como uma categoria social, pois ao ser compreendido dessa forma esta categoria torna-se ao mesmo tempo uma representação sociocultural e uma situação social. Portanto, ainda de acordo com o autor, não se trata apenas da delimitação de faixas etárias, mas também das representações simbólicas e da forma como essa categoria influencia a sociedade.

Nesses sentido, a juventude em sua multiplicidade, necessita de uma concepção capaz de abarcar todos os seus diversos significados, portanto, o mais apropriado seria usar este termo no plural - Juventudes – afim de conseguir representar toda a heterogeneidade produzida pelos diversos coletivos de jovens. (SILVA e LOPES, 2009).

Para compreendermos a dinâmica das juventudes na contemporaneidade é necessária também a compreensão da dinâmica da nossa própria sociedade, pois é a partir desta compreensão que poderemos identificar comportamentos, estilos, ideologias e relações sociais que se constroem nas mais diversas culturas juvenis³.

A palavra cultura vem do latim do verbo *colere* que significa cultivar. Com o passar do tempo esta palavra passou a representar diversos significados, dentre eles, podemos destacar o seu sentido relacionado ao folclore, à hábitos e costumes, à identidade e à vivência. (GOMES, 2008)

Dentre os significados destacados acima, Gomes ressalta que cultura é:

[...] o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos

³ Segundo Costa (2006) o conceito “cultura juvenil” foi utilizado por vários estudiosos para representar a multiplicidade cultural de comportamentos, experiências e atitudes dos jovens.



coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se. (GOMES, 2008, p.36)

Considerando as torcidas organizadas um espaço de reprodução cultural, podemos entendê-las, de acordo com a citação, como um coletivo que age consciente ou inconscientemente configurando-se como um sistema que apresenta uma certa coerência no modo de pensar, agir, relacionar-se dentro do seu próprio limite de compreensão, e por fim, reproduzir-se ou conservar-se socialmente falando.

O trecho abaixo traz um breve recorte histórico para elucidar em que contexto alguns grupos juvenis surgiram em nosso país e quais foram os impactos das transformações culturais na dinâmica dos grupos juvenis.

No Brasil, final da década de 1950 e início da década de 1960, o processo de internacionalização da cultura causou diversas mudanças no âmbito político, econômico e cultural. Consequentemente, os jovens foram apresentando novas demandas, estilos de vida e comportamentos, considerados não convencionais pela maioria da população.

Dessa forma, o surgimento de diversos grupos juvenis, que datam deste período, como *punks*, *carecas*, *skinheads*, *metaleiros*, dentre outros, eram denominados de gangues juvenis, pela imprensa, autoridades, escolas e famílias pelo fato de alguns desses grupos apresentarem um comportamento agressivo quando estavam em grupo. (COSTA, 2006).

Como podemos observar, as transformações sociais da década de 50 tiveram influência direta no comportamento dos jovens, que passaram a apresentar como característica marcante a prática de atos violentos em grupo.

Durkheim (2010) em sua obra *As Regras do Método Sociológico*, ao definir factos sociais, cita um exemplo bastante interessante que pode nos servir como comparação para o comportamento violento dos jovens quando estão em grupo:

Assim, numa assembleia, as grandes manifestações de entusiasmo, de indignação e de piedade que se desencadeiam, não têm sua origem em nenhuma consciência particular. Chegam a cada um de nós do exterior e são susceptíveis de nos arrastar contra nossa vontade. [...] Que tente um indivíduo opor-se a uma destas manifestações coletivas, e os sentimentos que nega voltar-se-ão contra ele. [...] Mesmo quando colaboramos espontaneamente com a nossa parte para a emoção comum, a impressão que sentimos é totalmente diferente da que teríamos experimentado se estivéssemos sós. (DURKHEIM, 2010, p.32).

Desta forma, fazendo uma analogia entre o exemplo citado por Durkheim e a reação dos torcedores quando estão em grupo, podemos observar que em uma manifestação gerada por um coletivo, seus indivíduos sofrem uma pressão exterior, embora



não consigam sentir, que acaba gerando uma espécie de coerção que os impedem de ir contra esse sentimento coletivo.

Assim, a violência gerada por um coletivo “[...] faz com que sejam temidos e respeitados, criando uma ilusão, pois na verdade estão excluídos das estruturas de poder vigentes na sociedade, sem potência e força.” (COSTA, 2006, p.22).

Desta forma, essas torcidas e seus torcedores, são alvos de muitas críticas, pois acabam promovendo na sociedade um sentimento de medo e tensão nos dias em que os jogos são realizados, devido suas manifestações de agressividade. Porém, não podemos nos limitar nesta visão preconceituosa, tão difundida na sociedade pela mídia sensacionalista, acerca dos integrantes das torcidas organizadas, pois esta mídia age de modo a favorecer pensamentos de classes dominantes, e muitos desses pensamentos acabam construindo opiniões discriminatórias por seus discursos simplistas, marginalizando e excluindo as porções menos favorecidas pelo sistema capitalista.

Quando nos detemos apenas a visualizar o fenômeno da violência deixamos de lado todo um conjunto de fatores que contribuem para o aumento desta. Fenômenos como a pobreza, a precariedade da educação e da saúde, as péssimas condições de moradia, dentre outros, que estão diretamente ligados às classes que estão à margem da sociedade.

Na cidade de Fortaleza, a intervenção do Estado se dá por meio do aumento do efetivo de policiais nas proximidades do estádio onde os jogos estão acontecendo. Porém, esta intervenção policial, muitas vezes, não é sinônimo de segurança, pois não são capazes de impedir que os confrontos aconteçam, pois, “ No emprego da força, a polícia Militar se transforma no órgão legalmente constituído para disciplinar, no calor do acontecimentos, a violência dos agrupamentos de torcedores.” (PIMENTA, 1997, p.17). Ou seja, a violência é retribuída com violência.

Embora a violência, e conseqüentemente seu aumento, seja um fenômeno negativo e ignorado por parte do poder público, que o trata apenas como assunto de polícia, a violência dos grupos juvenis também pode ser compreendida como uma forma de sociabilidade.

Mesmo na gangue⁴, a violência não é algo exclusivo, pois também ela tem os seus momentos de acontecer. E as gangues não primam apenas pela violência. [...]. A gangue proporciona um espaço de sociabilidade e criatividade cultural (grifo nosso).

⁴ A denominação gangue também era usada para nomear no exterior, os grupos com um comportamento tido como não convencional e desviante das normas aceitas. (COSTA, 2006, p.18)



Seus membros sentem e pensam que vivem dentro de um território, uma localidade específica, sendo portadores de uma dada sociabilidade. (COSTA, 2006, p.23)

A sociabilidade pode se dar de várias formas. Tânia Quintaneiro (2002) em sua obra, *Um Toque de Clássicos*, vem nos apresentar os principais pensamentos de Marx, Durkheim e Weber a respeito da sociabilidade. Ela destaca que para Marx a categoria trabalho é fundante da sociabilidade humana. Os seres humanos ao produzirem para obterem o que precisam, dominam a natureza, e dominando-a, modificam a fauna e a flora. “Para isso, organizam-se socialmente, estabelecem relações sociais.” (QUINTANEIRO, 2002, p.33).

Na medida em que os homens produzem, eles atuam coletivamente, e ainda que a cooperação seja uma relação social de produção ela pode visar interesses individuais com o objetivo de aumentar a produtividade ou a quantidade de trabalho explorado. Ou seja, o trabalho possibilita o estabelecimento de relações sociais, porém a divisão social do trabalho gera desigualdades a medida que no processo produtivo os interesses particulares se sobressaem. (QUINTANEIRO, 2002)

Já Durkheim, em seu conceito de solidariedade social, procurou mostrar como se constitui a coesão entre os membros de um grupo, levando em consideração a divisão do trabalho social. Para ele, quanto maior fosse a diferenciação social, maior seria o grau de coesão entre os indivíduos, pois quanto maior o nível de individualidade das partes, maior seria o grau de interdependência entre as pessoas. Com isso:

A função da divisão do trabalho é, enfim, a de integrar o corpo social, assegurar-lhes a unidade. É, portanto, uma condição de existência da sociedade organizada, uma necessidade. Sendo esta sociedade “um sistema de funções diferentes e especiais”, onde cada órgão tem um papel diferenciado, a função que o indivíduo desempenha é o que marca seu lugar na sociedade, e os grupos formados por pessoas unidas por afinidades especiais tornam-se órgãos, e “chegará o dia em que toda a organização social e política terá uma base exclusivamente ou quase exclusivamente profissional. (QUINTANEIRO, 2002, p. 81)

E por fim, Quintaneiro (2002) afirma que o conceito de relação social para Weber pode ser entendido como a probabilidade de uma determinada conduta social ter seu sentido compartilhado pelos diversos agentes da sociedade, tais relações podem ser hostis, amistosas, comerciais, econômicas, eróticas ou políticas. Portanto:

Quando, ao agir, cada um de dois ou mais indivíduos orienta sua conduta levando em conta a probabilidade de que o outro ou os outros agirão socialmente de um modo que corresponde às expectativas do primeiro agente, estamos diante de uma relação social. (QUINTANEIRO, 2002, p.118)



Ou seja, quando um indivíduo se envolve em qualquer relação social, ele toma como referência as expectativas em relação à ação do outro, ao qual seu comportamento se direciona.

Após esta rápida explanação sobre o pensamento de importantes teóricos à respeito da construção das relações sociais, podemos entender a violência no futebol como uma forma de sociabilidade pelo fato de agregar inúmeros jovens em torno do conflito que termina por construir relações sociais entre os integrantes. Toledo (1996) alega que pensar o futebol como uma forma de sociabilidade, é de alguma forma pensar no conflito, pois:

O futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições. [...] Pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade. Sociabilidade que consegue unir adversários em uma mesa ou na sede das Torcidas Organizadas, bem como segrega-os nas arquibancadas. (TOLEDO, 1996, p. 104).

Refletindo sobre a inserção de jovens nos mais diversos grupos, Groppo (2000) afirma com base nas variáveis-padrão de Parsons⁵ que a construção da identidade dos jovens passam pela transição de uma esfera mais particularista, que corresponde ao grupo familiar, para uma esfera mais universalista que faz com que os indivíduos aprendam novos padrões de comportamento, e, se orientando por esses novos valores torna-se capaz de alcançar o pleno *status* social.

As crianças e adolescentes ficam impacientes para formar ou entrar nesses grupos, não exatamente pela busca de diversão, mas pelo desejo de estabelecerem formalmente uma nova identidade e pertencerem a um novo grupo social. (GROPPO, 2000, p.41)

Após esta rápida explanação sobre a construção da identidade a partir da participação dos jovens em grupos, podemos observar que em um grupo a identidade individual dá espaço para a construção de uma identidade coletiva, e é nesse espaço que a cultura se constrói e se reproduz.

4 CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado, podemos observar como o a inserção de jovens nas mais diversas culturas juvenis, neste caso nas torcidas, pode contribuir para a

⁵ Talcott Parsons e sua sociologia estrutural- funcionalista deixaram um legado conceitual de grande valia para o entendimento da gênese conjunta da juventude e da modernidade. (GROPPO, 2000, p.35)



construção da identidade destes a partir dos elementos culturais proporcionado por esses espaços, gerando inclusive novas formas de sociabilidade. Além disso, também conseguimos visualizar a atuação do Estado ao tratar o fenômeno das torcidas organizadas apenas como caso de polícia que termina, por seu simplismo, marginalizando estes jovens por meio de sua ação repressiva. Este artigo não tinha a pretensão de desconsiderar o fato da violência mas, também não podemos deixar de considerar que aspectos sociais e econômicos estão diretamente ligados à violência, como a pobreza, o não acesso à educação, o não ingresso ao mercado de trabalho, a falta de moradia e de tantos outros direitos violados.

REFERÊNCIA

BRASIL. Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências, 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 maio 2003.

COSTA, Márcia Regina da e SILVA, Elisabeth Murilho da. **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**, São Paulo: Educ, 2006.

COSTA, Márcia Regina da. Culturas juvenis, globalização e localidades. In: **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**, São Paulo: Educ, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**, Editorial Presença, 11ª edição, Lisboa: [s.n.], Abril, 2010

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura**, São Paulo: Contexto, 2008.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**, Rio de Janeiro: Difel, 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol- violência e auto-afirmação- aspectos das novas relações sociais**, Taubaté: Vogal Editora, 1997.

QUINTANEIRO, Tania. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim Weber/ Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira.-2.ed. rev. Amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.**

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Coleção educação física e esporte, 1996.